



# VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

## A DOENÇA E A CURA NARRADA POR UM IMIGRANTE ITALIANO NO ESPÍRITO SANTO: ORESTES BISSOLI (1872-1940) – SIMPÓSIO TEMÁTICO “ESCRITAS DA HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS E DA SAÚDE: O VER, O SENTIR E O NARRAR”

Tiago de Araujo Camillo\*

1

Orestes Bissoli foi um italiano que imigrou para o Brasil no ano de 1888, instalando-se na região capixaba do atual município de Alfredo Chaves, conhecido naquela época como Quinto Território. Em seus anos derradeiros, mais precisamente em 1933, narrou vários fatos de sua vida, material que foi editado como livro em 1979<sup>1</sup>. Neste trabalho, busco analisar os escritos de Bissoli sob o ponto de vista da História das Doenças, identificando e interpretando alguns dos indícios relativos à sua concepção de doença e cura.

---

\* Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo. Licenciado em História pela Universidade Federal de Ouro Preto e Mestre em Extensão Rural pela Universidade Federal de Viçosa. Agradecimentos ao CNPQ.

<sup>1</sup> BISSOLI, Orestes. **Memórias de um Imigrante Italiano**. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1979. Essa edição foi organizada por Hélio Pessali e Reinaldo Santos Neves. O texto original ainda não foi localizado, bem como outros escritos de Orestes Bissoli citados pelos organizadores.

Em trabalho anterior<sup>2</sup>, estudei de maneira ampla o processo de instalação dos imigrantes estrangeiros na Província do Espírito Santo. Na oportunidade, analisei o processo de inserção e interação do imigrante com o ecossistema predominante nas regiões capixabas, isto é, com a Mata Atlântica. Ao mesmo tempo, fiz um levantamento do quadro epidemiológico de uma colônia de imigrantes, investigando as doenças mais recorrentes e as práticas e representações dos estrangeiros em relação à doença e à cura.

As formas de compreender a doença, os referenciais interpretativos e as práticas utilizadas para buscar a cura, eis os pontos a partir dos quais retomo a investigação. Para tanto, analiso, de forma introdutória, a trajetória de vida de Orestes Bissoli, tomando-a como fio condutor para o entendimento do quadro mais amplo do Brasil na passagem do século XIX para o século XX. Considerando o indivíduo doente como um pólo de conhecimento, busco destacar o protagonismo do homem comum na leitura e interpretação do mundo, bem como as apropriações do saber erudito<sup>3</sup>. Dialogando com o campo da Antropologia da Doença<sup>4</sup>, procedo de modo a retirar o foco dos grandes médicos e instituições de saúde e enfatizo a perspectiva do doente inserido em grupos sociais com baixo poder político e econômico.

Orestes Bissoli tinha a idade de 16 anos ao chegar à Província do Espírito Santo; em terras brasileiras ele realizou as mais diferentes atividades, tendo se dedicado à cafeicultura – como era comum entre a maior parte dos imigrantes, após o período imediato ao desembarque<sup>5</sup> –, ao ofício de pedreiro, o qual aprendera com seu pai na Itália, lecionou para os filhos de seus conterrâneos nas comunidades em que residiu e, ainda, exerceu atividades burocráticas como juiz de paz e tabelião<sup>6</sup>.

Sua formação intelectual, por si mesma, já o coloca em situação bastante peculiar em relação aos seus pares, visto que, ao contrário da maior parte daqueles,

---

<sup>2</sup> CAMILLO, Tiago de Araujo. **Entre Febres e Feras o Imigrante vai à Floresta: a saúde e o meio ambiente na formação da Colônia de Santa Leopoldina 1856-1900**. 2006. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG.

<sup>3</sup> ARMUS, Diego & HOCHMAN, Gilberto. **Cuidar, controlar, curar em perspectiva histórica: uma introdução**. In: Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe. p.15.

<sup>4</sup> LAPLANTINE, F. **Antropologia da doença**. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 17.

<sup>5</sup> SALETTO, N. **Transição para o trabalho livre e pequena propriedade no Espírito Santo: 1888-1930**. Vitória: EDUFES, 1996. p. 52.

<sup>6</sup> BISSOLI, 1979, p. 9.

Bissoli possuía o estudo elementar<sup>7</sup>, o que lhe deu a possibilidade de registrar suas memórias. Porém, a despeito de sua formação e da projeção que conseguira paulatinamente no círculo social em que se radicou, Bissoli, em seu período de vivência inicial, passou pelas mesmas dificuldades que os outros trabalhadores, fatos que, em idade senil, ele os rememorou nas linhas de seus escritos. Destarte, ali se enxerga o período de ajustamento, com ênfase em suas percepções acerca da natureza local, da alimentação, dos ritmos das atividades agrícolas e de seu estado de saúde.

No que tange à noção de saúde, doença e cura, Bissoli, por várias vezes, cita os períodos em que estivera doente, apontando, de acordo com sua perspectiva, a causa da morbidade que lhe acometera, bem como os caminhos seguidos em busca da cura, seja quando se recorria à medicina oficial, à popular ou ainda quando tentou sozinho, sem nenhuma recomendação, se curar.

Os problemas com a saúde marcaram a existência de Orestes Bissoli. Talvez, por isso, o texto seja recheado de informações a esse respeito. Já no início de sua narrativa, por exemplo, ele lembra, sem entrar em detalhes, que “(...) batizado também com o nome de José, desde minha infância fui doentio, assim como me disse minha mãe<sup>8</sup>”.

No início de sua trajetória no Brasil, Bissoli registra acontecimentos que marcaram a sua saúde individual e, coletivamente, o povoado no qual foi residir:

Neste tempo eu estava com meus 18 a 19 anos, bem formado, disposto e destemido, porém sempre prudente. Às vezes a pinga passava da medida, alguma vez me exaltava, no entanto nunca cometi asneiras nem abusei da confiança das famílias. Tive varíola, porém benigna; morreu muita gente dessa doença, especialmente os indígenas sem recursos<sup>9</sup>.

Aos 20 anos de idade, Bissoli foi obrigado a se afastar das fainas agrícolas por mais de dois anos, devido às morbidades que o acometeram, levando-o a utilizar práticas curativas populares:

---

<sup>7</sup> Ibidem. p. 9.

<sup>8</sup> Ibidem. p. 27.

<sup>9</sup> Ibidem. p.44.

Eu continuei em Jabaquara, trabalhei com Brocco no campo e, sim, ali ganhei as febres. Fui para o Quinto Território e em 40 dias fiquei bom. Passados uns tempos voltei e comecei a curar as sezões e outras pequenas moléstias com aguardente, pimenta e outras coisas excitantes como limão com sulfato de quinino. Em poucos meses fiquei com o estômago e os intestinos queimados, uma inflamação gástrica que custou dois anos para me curar<sup>10</sup>.

Bissoli passa a rememorar o problema de saúde que mais o afligiu e tomou seu tempo nos seus anos iniciais nos trópicos quando, ao trabalhar no campo, ganhou as “febres”. Nessa passagem, o imigrante provavelmente se refere à malária, primeiro, devido ao fato falar das tais “febres” como sendo “sezão” (febre intermitente), termo usual na linguagem popular para designar a doença e, em segundo lugar, porque a moléstia era comum na região onde ele fora instalado. Essas “febres” mencionadas por Bissoli acarretaram, segundo ele, problemas gástricos.

Destaco o uso que Bissoli faz da expressão “ganhei as febres”, pois nesse ponto é possível começar a compreender um pouco da sua concepção etiológica. A doença aparece em sua memória como um ser exterior, dotada de um sentido ontológico, como uma coisa que o sujeito doente recebe e que em seu corpo se aloja, enfim, não pertencendo a ele, em oposição às interpretações que concebem a patologia como um desequilíbrio do próprio corpo<sup>11</sup>.

Bissoli se retirou momentaneamente do mundo do trabalho, isolando-se por quarenta dias no “Quinto Território”, lugarejo localizado próximo à região em que originalmente ele havia se radicado – não há menção, no texto, sobre o contato com algum médico. Embora ele fale que tenha ficado bom, no retorno a Jabaquara refere-se à cura de “sezões e outras pequenas moléstias”.

Uma noção acerca das práticas imediatamente assimiladas pelos imigrantes pode ser obtida a partir da análise dos elementos utilizados por Bissoli, isto é, aguardente, pimenta e “coisas excitantes como limão com sulfato de quinino”.

A provável novidade é a utilização da aguardente de cana, já que elementos como a pimenta, o limão e o sulfato de quinino eram conhecidos na Europa. A

---

<sup>10</sup> Ibidem. p. 48.

<sup>11</sup> LAPLANTINE, 1991, p. 51.

aguardente de cana não era comum entre grupos populares do “Velho Mundo”, porém no Brasil ela foi popularizada após a conquista, tendo se disseminado entre as mais diversas camadas da população, inclusive entre o elemento indígena, não só como aperitivo, mas também como um medicamento, sendo “misturada a certas ervas e outras mezinhas<sup>12</sup>”.

É de se supor, então, que Orestes Bissoli, em seu convívio com a população nativa, aprendeu a usar a aguardente de cana com a finalidade da cura, escolhendo um modelo terapêutico que prima pela excitação do organismo, buscando expulsar a enfermidade. Todavia, o uso da aguardente não surtiria o efeito desejado, visto que na sequência ele registra que tal prática causou problemas gástricos e a continuidade das enfermidades por mais dois anos.

Na perspectiva de Bissoli, os elementos utilizados agravaram sua situação e, mais uma vez, ele teria que abdicar das mais importantes atividades do seu período de estabelecimento para poder se livrar das moléstias. Na passagem seguinte, ele descreve os sintomas do problema que o afetava, o qual provavelmente estava associado a alguma das chamadas “doenças tropicais”: “Nesta época comecei a sentir-me mal, com umas febres quentes, uma espécie de gripe, os órgãos digestivos atrapalhados e, sobretudo uma prisão de ventre<sup>13</sup>”.

Neste momento, Bissoli se retira novamente de Jabaquara, indo morar em Alfredo Chaves, ocasião em que teve oportunidade de escolher dois lugares para residir, a casa de seu “patrão” Pianna ou a de seu “conterrâneo” Parmagnani.

O Pianna, meu patrão, me ofereceu para ficar em sua casa, onde teria médico e remédios, ao que eu preferi ir para a casa do velho Parmagnani, meu conhecido e conterrâneo, bom, porém pobre e sem recursos, mas eu sempre gostei de viver com os pobres, embora passasse pior e com mais gasto<sup>14</sup>.

Ele recusa um local que, em sua perspectiva, oferecia melhores condições materiais, para se instalar entre pessoas de sua origem. Nesse ponto, é pertinente perguntar: que significado tem esse registro?

---

<sup>12</sup> HOLANDA, S. B. **Caminhos e fronteiras**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 78.

<sup>13</sup> BISSOLI, 1979. p. 48.

<sup>14</sup> Ibidem. p. 48.

Primeiro, evidencia que, embora letrado, Bissoli estava integrado e familiarizado ao grupo de imigrantes pobres, sendo um homem comum inserido no cotidiano popular, sujeito às mesmas intempéries e, portanto, capaz de transitar entre círculos culturais mais intelectualizados e círculos de pessoas iletradas.

Sua preferência por uma casa mais simples certamente não se deu apenas por uma questão afetiva ou pelo gosto de morar com os pobres. Questões relativas à moral religiosa, pautada pelo catolicismo dogmático, devem ter sido determinantes naquela ocasião. Alguns indícios apontam para o fato de que Pianna, seu patrão, não gozava de uma boa reputação naquele círculo social, uma vez que pertencia à maçonaria e, pior, estaria envolvido num caso de adultério com a esposa de Brocco, indivíduo que tinha uma proximidade com Bissoli. Quando deixou a casa de Parmagnani, Bissoli foi residir exatamente com Brocco:

Em vista de não poder ter o tratamento necessário, resolvi ir ao Quinto velho. Fiquei algum tempo com o Brocco, no que era a casa dos homens: pois ele tinha-se separado da mulher de modo que morávamos na casa eu com ele e o tio dele. O Brocco tinha enfraquecido o cérebro devido a desgostos. A mulher era infiel, e ele ficou só sem nada: pois a casa, terreno e pila, tudo estava hipotecado, e o que ele tinha a receber ninguém pagava. E ainda mais, tinha dado o nome à Maçonaria por influência do Pianna, que fora sedutor de sua mulher<sup>15</sup>.

A compreensão de que a recusa de Bissoli em aceitar abrigo na residência de Pianna estava relacionada à participação deste na Maçonaria pode ser melhor elucidada pela análise de uma nota escrita pelo próprio Bissoli no texto das suas memórias:

Aqui me dilato no assunto Maçonaria, para que os que me sucederem e lerem saibam que é uma sociedade inconveniente e prejudicial, máxime para nós os católicos. Eles em geral nutrem ódio ao clero e à igreja, e os mais adiantados, ao próprio Cristo<sup>16</sup>.

Por influência de seu amigo Francisco Feijon, Bissoli muda novamente, agora para a casa de um colono cujo nome não foi mencionado, ocasião em que dois médicos o examinam, mas, segundo ele, não conseguem identificar o problema<sup>17</sup>.

---

<sup>15</sup> Ibidem. p. 48 e 49.

<sup>16</sup> Ibidem. p. 80.

<sup>17</sup> Ibidem. p. 49.

Muitas mudanças de residência marcaram essa fase da vida de Bissoli. Agora, após um convencimento, ele se abriga na casa de seu cunhado por intermédio do qual conhece um “curandeiro” que o examina, registro que faz emergir o problema da interação do estrangeiro com a população local e suas concepções etiológicas e práticas religiosas e curativas. Acerca do curandeiro, Orestes Bissoli comentou:

Meu cunhado (...) mandou vir um curandeiro que garantiu minha cura. No entanto, depois de esgotados todos os recursos de seu modo de curar, o curandeiro declarou que eu tinha uma inflamação empossada, como um demônio possesso de um corpo por sete anos<sup>18</sup>.

Bissoli reconhecia diferenças entre as práticas de cura, dentre elas a do curandeiro, ao qual ele se submeteu e que, ao contrário dos expedientes dos médicos do período, estava muito mais assentado em crenças espirituais e na experiência prática do que em estudos sistemáticos. Infelizmente o imigrante não menciona detalhadamente quais foram as práticas que o curandeiro utilizou, contudo na sequência da redação de sua memória ele parece discordar da opinião do curandeiro, registrando a sua opinião no que tange à morbidade que o acometia:

Eu sempre disse que tinha uma ressecura dos órgãos digestivos, meu estômago e intestino não funcionavam mais, os purgantes que tomava só faziam o efeito de uma lavagem superficial, mas o fígado não se movia, não funcionava para expelir as biles estragadas e reformar<sup>19</sup>.

Nesta passagem, Bissoli demonstra que possuía conhecimentos básicos sobre o funcionamento do corpo humano, os quais provavelmente haviam sido adquiridos em seus estudos elementares; é provável que, por possuir tal saber, o estrangeiro irá, num momento posterior, se desvencilhar dos cuidados médicos e passará a agir sozinho em busca da cura. Em meio a diversas opiniões sobre o seu problema, como a de seu cunhado, que acreditava ser um “feitiço”, Orestes Bissoli demonstrava indiferença, apesar de admitir desconhecimento.

Passarei a escrever sobre a minha moléstia desconhecida e da maneira que me curei. Não faltou quem me dissesse que eu estava maleficiado por algum feiticeiro, mas eu não prestava atenção, quanto menos, crédito. Um dia o meu cunhado vem aborrecido, dizendo que eu não

---

<sup>18</sup> Ibidem. p. 50.

<sup>19</sup> Ibidem. p. 50.

acreditava, mas era certo que o seu filho Mário estava maleficiado, porque ia buscar o leite numa casa que tinha uma pobre velha, que, conforme ele, teria feito mal a nós dois<sup>20</sup>.

Aparentemente ocorre um choque entre a mentalidade europeia e o saber popular brasileiro, havendo uma rejeição do europeu, geralmente católico – no caso, italiano – e avesso às crenças que não aquelas ligadas aos rituais do cristianismo. Mas o que leva Bissoli a aceitar num primeiro momento a consulta ao curandeiro e depois rejeitar uma interpretação pautada em aspectos espirituais? A explicação pode ter suas raízes na história da própria Itália e na existência de formas de feitiçaria e cultos agrários que durante muito tempo fundiam aspectos do catolicismo e de outras manifestações do sagrado e que possivelmente estiveram no cotidiano de Bissoli até os dezesseis anos, momento em que migra para o Brasil<sup>21</sup>. No entanto, esse é um problema ainda por ser estudado.

O cunhado Jacinto, ao contrário, além de encaminhá-lo ao “curandeiro”, permanece no campo da interpretação mística da doença, sobretudo quando demonstra ter receios acerca de “uma pobre velha”; sua interpretação se baseia num modelo que reconhece a doença como uma entidade exterior, porém ela é pensada a partir de uma relação humana, isto é, um poder antropomorfizado na figura de uma mulher lança o mal sobre o doente<sup>22</sup>. O que torna Bissoli diferente de Jacinto a ponto de querer desconstruir a ideia de uma causa espiritual para o problema, como fica evidenciado na conversa entre os dois?

Pois bem, cunhado, eu vou lhe provar o contrário do que pensa, e logo com o seu filho. O senhor, quando for a São João, me compre um vidro de Pílulas Tourina de Milão e um de Pílulas Blaud das legítimas, e verá<sup>23</sup>.

Não foi possível ainda, identificar qual era a composição dos medicamentos citados, os quais provavelmente eram comuns na Itália; entretanto, foi com este expediente que ele procedeu ao tratamento de seu sobrinho, que ficou curado, de acordo

---

<sup>20</sup> Ibidem. p. 55.

<sup>21</sup> GINSBURG, Carlo. **Os andarilhos do bem**: feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI e XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 20.

<sup>22</sup> LAPLANTINE, 1991, p. 69.

<sup>23</sup> BISSOLI, 1979, p. 55.



com o que ele registra no texto. Nesse momento, ele recorre ao modelo chamado alopático, que se vale de um efeito contrário ao da doença para subtrair o mal e assim curar o sujeito doente<sup>24</sup>.

Ele trouxe as pílulas e eu dei ao filho dois purgantes fortes, porque ele estava opilado e com o fígado cheio de bile. O rapaz ficou abalado com os purgantes, porém logo começou a tomar as pílulas de Blaud, e antes de findar o vidro estava curado. Comia bem, estava forte e disposto para tudo, e quando não tinha nada a fazer pulava até me aborrecer dentro da escola<sup>25</sup>.

Ao mesmo tempo, Bissoli diz ter resolvido o seu problema com as mesmas pílulas e agrião, este último usado para “dilatar os órgãos”. Ele ainda menciona o “Purgante Pagliano”, como complemento ao seu tratamento.

Agora vamos ver o meu malefício. Em vista dos médicos e curandeiros não me curarem, tratei eu mesmo a minha cura. Comecei a comer agrião, mas muito e de toda a forma, e a tomar banho frio, e a fazer dieta de carne e de comidas e bebidas excitantes. De manhã cedo caía no rio e, o rio tendo muito agrião, colhia um cesto e escolhia as folhas para cozinhar e comer com bastante azeite doce, nada de vinagre nem banha. Os talos eu cozinhava, espremia e bebia a água toda. Assim, depois de alguns meses, comecei a me sentir com o estômago e os órgãos digestivos em movimento, dando-me alguma dor de barriga quando a barriga estava cheia. Compreendi que a inflamação estava cedendo, e achei que uns purgantes enérgicos, acelerariam a cura, e assim comprei 11 vidros de Pagliano para fazer a cura completa. As primeiras doses que tomei, obrei tanto mas muito mesmo; nas últimas evacuações botava a bile em forma de pílulas como se feitas de sabão, mas muitas<sup>26</sup>.

Foi dessa forma, conjugando um conhecimento já usado na Europa – o uso do agrião e de um remédio industrializado – a uma dieta na qual a carne ficava excluída, bem como as “bebidas excitantes”, que Bissoli afirma ter se curado. O imigrante faz questão de destacar a função da planta para a mudança de seu estado de saúde:

Compreendi que estava curado; sentia-me leve, abriu-se o meu apetite, eu não tinha órgão nenhum afetado, estava recesso com o estômago e os intestinos resfriando. Antes de comer o agrião eu tinha tomado vários purgantes, mas faziam um efeito superficial, pois as biles

---

<sup>24</sup> LAPLANTINE, 1991, p. 161.

<sup>25</sup> BISSOLI, 1979, p. 55.

<sup>26</sup> Ibidem. p. 56.

estavam secas, e foi preciso esse agrião para aos poucos umedecer e dilatar esses órgãos<sup>27</sup>.

Aquilo que representava a cura para Bissoli, aos olhos de seus pares indicava novos problemas de saúde.

Eu fiquei magro, os olhos fundos, e Vovó me dizia: 'Deixa de tomar o Piriano (era como ela chamava o Xarope Pagliano) se no te mori'./ Qual o quê, Vovó, estou bom.

E para prová-lo dava pulos, quanto antes não podia nem dar um passo errado, que pareciam destacar as tripas. O pessoal que me viu a dar os pulos disse que eu tinha ficado doido. Mas com isso lá se foi o meu feitiço, e fiquei bom<sup>28</sup>.

Por isso é importante aprofundar a análise dos pormenores do relato de Bissoli, especialmente para identificar a natureza das suas particularidades, os conflitos, as confluências, o aprendizado e as inovações.

As questões que levantei neste texto permanecem em aberto, merecendo investigações aprofundadas. Em primeiro lugar, quanto às fontes, é preciso enfatizar a existência de vários outros documentos relativos à vida de Orestes Bissoli os quais não foram devidamente explorados, existindo inclusive outros textos de memórias mais extensos e ainda inéditos.

Em termos teóricos, o diálogo com a Antropologia da Doença deve ser aperfeiçoado, de modo que os conceitos advindos daquela disciplina não sejam adotados como a-históricos, desconsiderando as particularidades do objeto estudado e, em última instância, aplicando-os anacronicamente. Finalmente, quanto ao debate historiográfico, será extremamente elucidativa uma investigação que procure compreender os motivos da busca por terapias alternativas, fugindo à lógica explicativa da ausência do auxílio estatal<sup>29</sup> e da simples reação à medicina oficial, explorando os

---

<sup>27</sup> Ibidem. p. 56.

<sup>28</sup> Ibidem. p. 56.

<sup>29</sup> WITTER, Nikelen A. **Curar como Arte e Ofício**: contribuições para um debate historiográfico sobre saúde, doença e cura. Tempo, Rio de Janeiro, n° 19. p. 14.

significados socioculturais da adoção de práticas religiosas locais e uso de plantas medicinais<sup>30</sup>.

Ainda que existam dificuldades quanto ao acesso a documentos que evidenciem as impressões próprias dos imigrantes acerca dos problemas de saúde, é possível – a partir da análise de memórias como a escrita por Orestes Bissoli e de documentos de outra natureza – identificar suas concepções etiológico-terapêuticas, sua interação com a natureza e a população local e, finalmente, entender uma parte da formação cultural brasileira.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARMUS, Diego & HOCHMAN, Gilberto. Cuidar, controlar, curar em perspectiva histórica: uma introdução. In: HOCHMAN, Gilberto (org.). **Cuidar, controlar, curar:** ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora da Fiocruz, 2004. pp. 11-27.

BISSOLI, Orestes. **Memórias de um Imigrante Italiano.** 1. ed. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1979.

CAMILLO, Tiago de Araujo. **Entre Febres e Feras o Imigrante vai à Floresta:** a saúde e o meio ambiente na formação da Colônia de Santa Leopoldina 1856-1900. 2006. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG.

LAPLANTINE, F. **Antropologia da doença.** 1.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

SALETTI, N. **Transição para o trabalho livre e pequena propriedade no Espírito Santo:** 1888-1930. 1. ed. Vitória: EDUFES, 1996.

HOLANDA, S.B. **Caminhos e fronteiras.** 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 78.

GINSBURG, Carlo. **Os andarilhos do bem:** feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI e XVII. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

WEBER, Beatriz Teixeira. Fragmentos de um Mundo Oculto: práticas de cura no sul do Brasil. In: HOCHMAN, Gilberto (org.). **Cuidar, controlar, curar:** ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora da Fiocruz, 2004. pp. 157-215.

---

<sup>30</sup> WEBER, Beatriz Teixeira. Fragmentos de um Mundo Oculto: práticas de cura no sul do Brasil. In: ARMUS, Diego & HOCHMAN, Gilberto. **Curar como Arte e Ofício:** ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe. p. 159.

VI Simpósio Nacional de História Cultural  
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar  
Universidade Federal do Piauí - UFPI  
Teresina-PI  
ISBN: 978-85-98711-10-2

WITTER, Nikelen A. Curar como Arte e Ofício: contribuições para um debate historiográfico sobre saúde, doença e cura. **Tempo**, Rio de Janeiro, 2005, nº 19, pp. 13-25.